

CAMINHO DE CHIQUITOS ÀS MISSÕES GUARANÍS DE 1690 A 1718.

Ensaio interpretativo (*).

INTRODUÇÃO.

Foram vários os motivos que nos levaram a escolher, como tema de pesquisa, as tentativas dos jesuítas espanhóis de estabelecer uma via de comunicação, permanente, pelo rio Paraguai, no século XVIII.

Por um lado, encontramos um vasto repositório de documentos, muitos deles, inéditos, na coleção de *Angeles*, relacionados com esse assunto. Por outro, sendo o tema vinculado à História do Brasil, pudemos obter em nosso meio outras fontes informativas a fim de completar, tanto quanto possível, este estudo.

Infelizmente, não estava ao nosso alcance, na ocasião, consultar documentos que seriam de interesse, pois se encontram, provavelmente, em Santa Cruz de la Sierra, em Cuiabá e Vila Bela. Os arquivos dessas cidades, devido à distância e falta de catalogação, segundo informes obtidos, tornam-se inacessíveis, acrescentando-se ainda a notícia de que é deficiente a preservação do material documentário.

Embora tôdas essas circunstâncias, interessamo-nos por esse assunto de difícil pesquisa. Estudá-lo importava na aplicação de vários métodos hoje empregados por quem deseja fazer história baseando-se no estudo de documentação, mostrando, assim, uma faceta da nossa formação. Além disso, muitas das conseqüências do fracasso das tentativas dos jesuítas espanhóis em estabelecer uma via de comunicação permanente entre as Missões de Chiquitos e as Missões Guaranís, ainda repercutem na época atual.

(*) — Tese apresentada à Faculdade Nacional de Filosofia a fim de obter o título de Docente Livre da XXVI Cadeira — História da América (1957) (*Nota da Redação*).

Pensamos que nosso estudo talvez possa contribuir para melhor compreensão das origens de alguns dos problemas das relações entre o Brasil e a Bolívia, no passado e na atualidade, e que ainda não foram suficientemente estudados.

Para elaboração dêsse trabalho, consultamos numerosos livros e, principalmente, obras raras e manuscritos. Encontramos da parte dos pesquisadores da seção de manuscritos da Biblioteca Nacional, maximé do dr. Waldyr Cruz, uma cativante acolhida. Agradecemos a essa instituição, na pessoa do Professor José Honório Rodrigues que sempre nos recebeu e aconselhou de forma a nos permitir a execução das pesquisas.

No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tivemos todo o apôio esclarecido do dr. Virgílio Corrêa Filho, da mesma forma que, no Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores, da senhora Constança Wright.

Propositadamente citamos em último lugar o Professor Sílvio Júlio de Albuquerque Lima a quem devemos a nossa orientação no magistério e formação de pesquisadora.

I

ANTECEDENTES.

A luta entre portugueses e espanhóis pelo domínio da bacia do rio Paraguai, no século XVIII, se processou em função de uma série de fatos ocorridos nos séculos XVI e XVII. Julgamos útil lembrá-los, embora muito sumariamente, a fim de situar o conflito e suas repercussões.

A descoberta do rio da Prata, decorrente de episódio fortuíto na busca de uma passagem ou comunicação entre o Atlântico e o Pacífico, passou logo a ter importância capital, marcando a história da América. Tornou-se o ponto de partida de um novo ciclo de explorações e conquistas, primeiro, em demanda da famosa montanha de prata e do Império do Rei Branco, depois, a procura de uma via de comunicação que ligasse, ao Atlântico, as minas de Potosi, quando se verificou que o Império do Rei Branco era o dos incas e a montanha de prata aquelas minas já descobertas pelos espanhóis no Alto Perú.

Tudo levava a crer que as bacias do Prata e Paraguai seriam a rota natural de comunicação do Alto Perú com o Atlântico, porém uma série de fatores impediu que êsse caminho fôsse o adotado.

Após as viagens de exploração de Sebastião Caboto e Diego García, cujo objetivo inicial era a descoberta de uma comunicação com o Pacífico, veio a expedição colonizadora de D. Pedro de Mendonza, primeiro Adelantado da recém-descoberta região. D. Pedro de Mendonza tentou fundar um pôrto na foz do rio da Prata e uma outra cidade mais acima, nas margens do rio Paraguai. A primeira, Santa Maria del Bueno Aire, não resistiu aos ataques dos indígenas, enquanto que a segunda, Assunção, conseguiu subsistir, apesar de ter ficado quase totalmente isolada por largo período de tempo. Esta última se converteu em centro de irradiação de expedições exploradoras que percorriam a bacia do Paraguai a fim de atingir o rico planalto andino da Bolívia.

Em 1540, Domingo Martinez de Irala sobe o curso do Paraguai em busca de Juan de Ayolas que, em 1536 (1), seguira esse rio até o pôrto da Candelária, deixando aí parte dos companheiros e se internando no Chaco na esperança de encontrar as famosas minas. Parece ter chegado à região dos índios chané. A partir dessa época, uma série de explorações se sucedem pela via do Paraguai, tendo como ponto de partida Assunção, sempre com o mesmo objetivo, até que a corrente imigratória de Assunção se encontra com a oriunda do Perú.

Em outubro de 1542, parte Domingo Martinez de Irala, e atinge o chamado Lago dos Xarayes na altura do Puerto de Los Reyes em janeiro de 1543 (2) (região do rio Paraguai compreendida entre a embocadura do Jaurú e Fêcho dos Morros e que se estendia a leste pelo Cuiabá). No ano seguinte, Domingo Martinez de Irala vai à região do cacique Tabaré, e nesse mesmo ano de 1543, Alvar Núñez Cabeza de Vaca, sucessor de D. Pedro de Mendonza, remonta o curso do Paraguai, além do Puerto de los Reyes (lat. 17°57' S aproximadamente, na lagoa de Guaiba).

Em fins de 1547 Domingo Martinez de Irala torna a subir o Paraguai e penetra, por terra, a partir do pôrto de San Fernando, para oeste, atravessando a parte sul da província de Chiquitos e terminando sua expedição no rio Guapay ou

(1). — Ruy Díaz de Guzmán, *La Argentina*, 1943, pág. 81, dá a data de 1537. Enrique de Gandia, em nota de pé de página (página 82) corrige para outubro de 1536. Ayolas deixou uma parte dos companheiros no pôrto de Candelária e daí continuou, em fevereiro de 1537, a viagem por terra. Segundo Raul Silveira de Mello, *História do Forte de Coimbra*, 1958, págs. 83 a 86, o pôrto de Candelária estaria situado, provavelmente, entre 20°30' e 20°50' de L. S.

(2). — Enrique de Gandia, *Historia de Santa Cruz de la Sierra*, 1935, primeiro capítulo.

Grande, um dos formadores do Mamoré. Daí enviou ao Perú, Nuflo de Chaves, que o acompanhara (3).

Nessa ocasião Nuflo de Chaves procura estabelecer uma comunicação com o Alto Perú pela via do Pilcomayo (4). Em 1553, Domingo Martinez de Irala tenta, novamente, subir o curso do Paraguai, até a altura do Puerto de los Reyes e daí chegar, por terra, ao Alto Perú (5).

Em 1558 (6) Nuflo de Chaves sobe o Paraguai e o Jaurú. Fôra-lhe ordenado por Domingo Martinez de Irala que fundasse um pôrto no Paraguai. Ao invés de obedecer a essa ordem, que atendia ao interêsse de Assunção em estabelecer uma escala no caminho para Potosi, resolveu se internar por terra a partir de Xaraiés, Puerto de los Reyes, em direção ao ocidente, em território hoje boliviano. Atravessou o rio Guapay ou Grande e acampou na planície de Guelgoritá (a oeste desse rio) onde se encontrou com espanhóis vindos do Perú sob o comando de Andrés, o Manso. Imediatamente surgiu conflito de jurisdição entre ambos e Nuflo de Chaves foi a Lima onde conseguiu do vice-rei, Marquês de Cañete, que fundasse um govêrno independente do govêrno do Paraguai. O filho do vice-rei foi designado governador e Nuflo de Chaves tenente do governador. Esse govêrno compreendia Mato Grosso, Chiquito e Mojos. O Chaco coube a Andrés, o Manso.

Nuflo de Chaves voltou às planícies de Guelgoritá, onde reuniu sua gente e se dirigiu às cabeceiras do San Miguel que então se chamava Hubay, fundando, em 1561 (7), Santa Cruz de la Sierra perto da Cordilheira de San José; Chaves morreu nas mãos dos indígenas, poucos anos depois. A povoação de Manso não prosperou por causa dos constantes ataques dos chiriguanos do Chaco, vizinhos das províncias de Tomina e Vallegrande.

O vice-rei Toledo ordenou a transferência da cidade de Santa Cruz para mais próximo de Charcas, sede da Audiência. Essa medida atendia a vários objetivos: o de defender o altiplano, região a mais rica do vice-reino do Perú, dos ataques

(3). — Ruy Díaz de Guzmán, *La Argentina*, 1943, pág. 151. Dá a data de 1546, corrigida por Enrique de Gandia, em nota, para novembro de 1547. Segundo Ulrich Schmidel, *Viage al Rio de La Plata*, 1836, foi em 1548.

(4). — Ernesto Palacio, *Historia de la Argentina*, 1954, pág. 35.

(5). — Ruy Díaz de Guzmán, *La Argentina*, 1943, pág. 172 e seguintes. Ver notas de Enrique de Gandia. Segundo Enrique Finot, *Historia de la Conquista del Oriente Boliviano*, 1939, pág. 139 e seguintes, Domingo Martinez de Irala teria desembarcado no pôrto de San Fernando.

(6). — Ruy Díaz de Guzmán, *La Argentina*, 1943, pág. 209 — nota de Enrique de Gandia.

(7). — Nota de Enrique de Gandia, in *La Argentina*, 1943, citada em (5), pág. 223.

dos chiriguanos, o de colocar Santa Cruz mais próxima das autoridades centrais do Alto Perú a fim de impedir os constantes motins que costumavam ocorrer nessa cidade, o de localizar a cidade em região mais salubre (8).

A partir de então, dissipam-se, paulatinamente, as ilusões de encontrar as famosas montanhas de prata que outras não eram que as de Potosi. Dessa época em diante, as expedições visam estabelecer uma comunicação regular com Potosi, então o melhor mercado da América do Sul ou alcançar as terras lendárias de Gran Mojós e Paititi que estariam situadas ao norte de Chiquitos.

Os governadores de Assunção procuravam romper o isolamento dessa cidade não só estabelecendo uma comunicação com o Alto Perú, como, também, assegurando a posse do estuário do Prata. Fundamental essa conduta, pois de outra forma, a cidade interior estaria fadada a desaparecer.

Devido ao fato de só em 1580 Juan de Garay ter conseguido fundar Buenos Aires, os moradores de Assunção foram desde cedo estabelecendo caminhos, em parte pela via fluvial, em parte pela terrestre, que os comunicasse com o litoral brasileiro.

O caminho entre Guairá e São Paulo foi mandado fechar por Tomé de Souza em 1553 (9). A exploração do caminho entre Guairá e São Vicente foi efetuada em 1603. A ata de 22 de novembro de 1603 da Câmara de São Paulo (10), relata a chegada de quatro soldados espanhóis, vindos de Vila Rica por esse caminho, o qual, entretanto, nessa época, foi fechado por ordem do rei de Castela, a fim de evitar o contrabando. No entanto, os paulistas continuaram a se comunicar com o Paraguai, como o demonstram os seguintes documentos do Ar-

(8). — Segundo Enrique Finot, *Historia de la Conquista del Oriente Boliviano*, 1939, pág. 212 e seguintes, analisa o problema da mudança de Santa Cruz. A primeira Santa Cruz, fundada por Nuño de Chaves, estava situada na serra de San José, em Chiquitos. Foi transferida para Cotoca, durante o período de governo de don Luís de Velasco (1596-1604). O novo local era próximo de San Lorenzo. A primeira cidade com este nome entrara em decadência e fora ordenada nova fundação em 1592. Só se povoaou entre 1588 e 1590 nas barrancas do Guapay ou Grande, daí o nome San Lorenzo de la Barranca. Em 21 de maio de 1595 foi transferida para o pórtio de San Bartolomé, sua sede definitiva. A segunda Santa Cruz de la Sierra, em Cotoca, fora declinando e é, finalmente, incorporada a San Lorenzo, cujo nome oficial era Ciudad de San Lorenzo del Real de la Frontera, porém ficou conhecida com o nome de Santa Cruz de la Sierra (vide mapa).

(9). — As relações entre São Vicente e o Paraguai foram estudadas, detalhadamente, por Sérgio Buarque de Holanda, *Expansão Paulista em fins do século XVI e princípios do século XVIII*. 1948.

(10). — Actas da Camara da Vila de São Paulo, 1914, vol. II, pág. 136.

quivo Paraguaio: processos de 1603 sôbre um português chamado Pedro Acosta

“que entró por el camino prohibido de San Pablo”
o **“Auto de Cabeza de Proceso para la averiguacion de quien dió faumto, ajúda, y favor a quatro portugueses que dentraran a esta (província do Paraguai) por la via de San Pablo contra lo prohibido. Año 1616”**.

Tais viagens tinham, porém, um caráter esporádico. Pelo **“processo obrado en la Vila Rica del Espirito Santo contra el Capn. Franco Benitez, por haver metido tres Portugueses por la via de San Pablo. Año 1616”** (11), podem ser avaliadas as dificuldades apresentadas por êsse caminho, o qual não permitia um comércio regular.

D. Luís Céspedes y Xeria, nomeado Capitão General do Paraguai em 1625, foi o mais famoso transgressor das ordens régias, relativamente ao fechamento do caminho de São Paulo. Desembarcou no Rio de Janeiro; depois foi a Santos e São Paulo. Daí, navegando pelo Tietê, prosseguiu pelo Paraná, Paranapanema, até Loreto e Ciudad Real.

Outra via de comunicação entre a província do Paraguai e o Atlântico foi aquela aberta por Aleixo Garcia (12).

Parece que Aleixo Garcia, náufrago de uma expedição espanhola, permaneceu por algum tempo na ilha de Santa Catarina. Preparou uma expedição que deve ter saído das costas do atual Estado do Paraná em 1522 ou 1523. Segundo Jaime Cortesão (13), o caminho de Aleixo Garcia foi o seguinte:

“Partindo dum ponto do litoral, situado ao norte da ilha de Santa Catarina, a expedição atingiu o Paraná pelo Iguazú; dali alcançou o Paraguai, que subiu; atravessou êste rio na região da atual Corumbá e a seguir o alto Chaco; e, penetrando entre os rios Pilcomaio e Guapaí ou Grande, alcançou a região de Potosi e Sucre; e atacou algumas povoações incaicas, com cujos despojos se retirou para o Paraguai, onde o chefe veio a morrer às mãos dos índios”.

-
- (11). — *Bandeirantes no Paraguay; século XVIII (documentos inéditos)*, Coleção do Departamento de Cultura, São Paulo, 1949, vol. XXXV, págs. 19, 20 e 23 a 45.
- (12). — V. Enrique de Gandía, *Historia de Santa Cruz de la Sierra: una nueva Republica en Sud America, 1935 e Historia Critica de los Mitos de la Conquista*, do mesmo autor (1929). Manuel Domingues, *El Alma de la Raza*, 1918.
- (13). — *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim*. Manuscritos da Coleção de Angelis, 1952. Introdução, pág. 1, vol. II.

O Adelantado Alvar Núñez Cabeza de Vaca, nomeado sucessor do primeiro Adelantado do Prata, D. Pedro de Mendonza, refêz, em parte, o percurso de Aleixo Garcia. Da leitura do relato de Alvar Núñez Cabeza de Vaca e do livro de Ruy Díaz de Guzmán (14), fica claro, pela riqueza de fatos e abundância de detalhes, a impossibilidade de ser êsse caminho utilizado como via comercial regular. Aliás, basta lembrar que só agora, em nossos dias, é que estão completando uma estrada ligando Assunção ao pôrto de Paranaguá.

A fundação do pôrto de Buenos Aires deveria ter sido um estímulo ao progresso de Assunção e de Santa Cruz de la Sierra, firmando definitivamente um caminho fluvial, a partir do Atlântico até as minas de Potosi, passando pelas citadas cidades.

No entanto, uma série de fatôres fizeram com que se estabelecesse um caminho terrestre, o chamado caminho de Tucumán, em detrimento do Paraguai e da Bolívia Oriental. Dentre êsses fatôres, parece que os de maior relevância foram: os constantes ataques dos índios payaguás que freqüentavam o curso médio e baixo do Paraguai; as dificuldades de navegar nos períodos de sêcas; obstáculos para o estabelecimento de núcleos de povoação em região habitada por índios guerreiros; a agitação política em Assunção, que impedia a realização de um esforço continuado no sentido de reconhecer o curso do rio Paraguai e fundar um pôrto às margens dêsse rio, que permitisse, por via terrestre, a ligação com Potosi, no Alto Perú. Acresce a insubordinação de Nuflo de Chaves, fundando Santa Cruz no interior, em vez do pôrto às margens do Paraguai, como lhe fôra recomendado por Domingo Martinez de Irala, e solicitando do Vice-Rei do Perú a criação de um govêrno autônomo na região da Bolívia Oriental. Dessa forma ficou definitivamente comprometido o estabelecimento da rota pelo Paraguai. Santa Cruz e Assunção passaram a ser govêrnos rivais.

Os moradores de Buenos Aires, cercados de índios agressivos, isolados dos núcleos de colonização espanhola no Alto Perú, passaram a procurar outro caminho, já que a via fluvial do Paraguai não era facilmente aproveitável, pelos motivos acima enumerados.

Aos poucos, foram sendo fundadas povoações no Tucumán e, finalmente, estabeleceu-se o caminho terrestre do Tucumán

(14). — Em Alvar Núñez Cabeza de Vaca, *Naufraios y Comentarios con dos cartas*, 1942 e Ruy Díaz de Guzmán, *La Argentina*, 1943.

que ligava Potosi, e o próprio Perú, a Buenos Aires. Essa rota originou um surto de desenvolvimento de Buenos Aires, Córdoba, Tucumán, Salta, etc., colocando Santa Cruz e Assunção à margem dessa corrente de progresso.

A abertura desse caminho atendia aos interesses dos moradores de Potosi, pois as mercadorias contrabandeadas pelo pôrto de Buenos Aires chegavam àquêl mercado a preços menores do que as que vinham, legalmente, por outras vias. O comércio oficial se fazia por intermédio das frotas que levavam as mercadorias da Espanha ao Panamá. Daí, transportadas através do istmo, eram reembarcadas na frota do Pacífico indo até Callao e Lima, de onde eram reexpedidas ou pelo caminho de Arica ou transportadas por terra, exclusivamente, ao Alto Perú. Além do elevado custo do transporte devido à distância, existiam outros fatores de encarecimento das mercadorias chegadas ao Alto Perú.

Caso a mercadoria não fôsse produzida na Espanha, tinha de ser adquirida por comerciante sevilhano a fim de atender ao monopólio comercial dessa cidade. Além do mais, o rio Guadalquivir, não permitindo passagem a grandes barcos, obrigava a transportar as mercadorias em pequenos barcos anti-econômicos ou a transbordá-las para embarcações de maior porte na sua foz. Em qualquer hipótese, em decorrência de maior mão-de-obra ou de menor quantidade de artigos por barco, havia um encarecimento do custo do transporte.

Acrescentando-se a necessidade de frota de defesa, de uma série de intermediários comerciais, de impostos, alguns cobrados sôbre a mesma mercadoria em vários pontos de passagem, a natureza perecível de algumas delas, pode-se bem avaliar o preço alto. Êsses aspectos são bem estudados por C. H. Haring, a maior autoridade no assunto (15), (16).

O caminho terrestre ligando Buenos Aires ao Perú e ao Chile era muito mais curto e isento de impostos, criados só mais tarde com a instalação da alfândega de Córdoba. Além disso, o número de intermediários era menor. Analisando êsse aspecto, Alice Canabrava (17), em nota ao pé das páginas 108-109 do seu trabalho, assim se expressa

“Os principais pontos que escalonavam a rota do Tucumán eram: Buenos Aires, ponte do Marquês, Luján, Ar-

(15). — C. H. Haring, *Comercio y Navegacion entre Espanha y las Indias*, 1939.

(16). — Gustavo Adolfo Otero, *La vida social del colonaje*, 1942, capítulos XVI e XX.

(17). — A. P. Canabrava, *O comércio português no Rio da Prata*. Boletim de História da Civilização Americana, n.º 2. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. São Paulo, 1944, págs. 108 e 109.

recifes, forte de Pergamino, Esquina de la Guardia (no rio Carcaraná), o rio dêste nome até o Passo Ferreira, onde se bifurcava o caminho, seguindo o do Chile para o Sul, e o de Tucumán para o Norte. Êste, continuava pela posta de Ampira, rio Segundo, Córdova, bordas da Serra Chica, através das postas de Ambargasta, Ayuncha e Chagnar Pugio até a cidade de Santiago del Estero e daí até Tucumán. Desta cidade até Salta a rota seguia a depressão entre as montanhas do Aconquija e as serras orientais de Buruyacú e Yarami; de Salta até o Norte de Jujuí ia pela quebrada de Humahuaca. O caminho do Sul para Mendonza e Chile, ganhava São Luís pelo rio Quarto, Achiras, São José do Morro, daí La Paz no rio Tunuyan, que margeava até Mendonça; desta cidade, pelo passo do Uspallata entrava na região do Chile central”.

Vasta é a bibliografia nesse terreno. Luís Peñaloza (18), fornece apreciável contribuição. Do mesmo assunto, trata Otero (19).

O abandôno em que ficaram as margens do Paraguai, o empobrecimento de Assunção e de Santa Cruz, serviram de estímulo aos portugueses do Brasil para se aproximarem do grande rio e tentarem chegar por êsse caminho a Potosi.

No correr do século XVII os paulistas vão se apossando dos pontos estratégicos às margens dos rios formadores da bacia do Prata e dêste mesmo. De início, não parece ter havido um plano formal de domínio da bacia do Prata, mas a fundação da Colônia do Sacramento, na foz do rio da Prata, já obedece a um propósito estatal definido de conquistar essa importantíssima rêde fluvial. Em traços gerais, as mais importantes etapas dessa tentativa de conquista da bacia do Prata, seriam a tomada de Guairá, os ataques a Itatim e Tape, culminando com a fundação da Colônia do Sacramento, em 1680, que tantas vêzes seria perdida e recuperada pelos portugueses.

A atuação dos bandeirantes, tanto em Guairá, como em Itatim e Tape foi exaustivamente estudada com farta documentação por Afonso de E. Taunay (20).

(18). — L. Peñalosa, *História Económica de Bolívia*, 1953, vol. I, cap. XXXIII.

(19). — Gustavo Adolfo Otero, *La vida social del colonaje*, 1942, capítulos XVI e XX.

(20). — Afonso de E. Taunay, *História Geral das Bandeiras Paulistas*, 1924-1950, tomo II, capítulos VI ao XI e *História das Bandeiras Paulistas*, pref., 1951, tomo I, capítulos VII ao XI. Igualmente Alfredo Ellis Júnior, *Meio Século de Bandeirismo e o Recuo do meridiano*; Washington Luís, *Contribuição para a História da Capitania de São Paulo*, entre muitos outros, trataram do assunto. Novas fontes documentárias sobre êsse tema são as recentemente pu-

A conquista do Guairá, grande área a oeste do Estado do Paraná, limitada pelo Paranapanema, Tibagi, Paraná e Iguacú, iniciada pelos bandeirantes em 1611, culmina com a bandeira de 1629, que destrói as principais missões jesuíticas aí estabelecidas. Episódio importante dessa conquista é o cêrco de Vila Rica, situada à margem do Curumbataí, afluente do Ivaí, principal povoação espanhola dessa zona, cujos moradores são obrigados a migrar para a outra margem do Paraná (1632). Ciudad Real também foi abandonada pelos moradores.

O sucesso obtido pelos bandeirantes paulistas em Guairá os estimulou a atacar as missões de Tape e Itatim. Nessa ocasião o tráfico negreiro ainda não estava bem organizado e havia necessidade de mão-de-obra indígena para a lavoura paulista.

Parece que a bandeira de Antônio Raposo Tavares, datando de 1636, foi a primeira entrada importante em Tape, no território do atual Estado do Rio Grande do Sul. Essa bandeira atacou as missões de Jesus Maria, São Cristóvão e São Joaquim.

Em meados de 1637 chegava ao Taquari a bandeira chefiada por André Fernandes, que substituíra Francisco Bueno, falecido no decorrer da viagem. A aldeia de Santa Teresa foi assaltada e a região do Ijuí também.

Segundo Afonso de E. Taunay, a terceira bandeira invasora do Rio Grande do Sul foi a de Fernão Dias Paes. Deve ter partido, antes de janeiro de 1638, de São Paulo, e parece que atingiu o território hoje uruguaio (21).

Em 1638 os paulistas estavam de novo no Rio Grande do Sul e o Padre Alfaro, superior da Missão do Tape, pedia socorros ao governador do Paraguai. Esse grupo é derrotado em Caasapaguaçu e, em 1641, os bandeirantes, liderados por Jerônimo Pedroso de Barros, são vencidos pelos jesuítas e seus bens arregimentados indígenas, em Mbororé. Nessa ocasião os jesuítas conseguem desalojar os paulistas do Tabate, pôsto fortificado junto a um afluente da margem esquerda do Uruguai, de igual nome, hoje chamado Camandaí, e do Apiterebi, atualmente denominado Pepiri.

As missões do Itatim, fundadas em 1632, estavam compreendidas entre 19 graus e 22 graus de latitude sul e entre o Pa-

blicadas pela Biblioteca Nacional, sob a direção de Jaime Cortesão: *Os Jesuítas e os Bandeirantes em Guairá*, 1951, *Os Jesuítas e os Bandeirantes no Itatim*, 1952, e pela Prefeitura de São Paulo, *Bandeirantes no Paraguai*, 1949. (21). → Afonso de E. Taunay, *História das Bandeiras Paulistas*, pref., 1951, tomo I, pág. 68.

raguai a oeste, e, a leste a serra de Amambáí, segundo o Padre Diogo Ferrer, citado por Jaime Cortesão (22).

“Em termos de geografia atual”, diz o citado autor, “esta região pertence ao sudoeste de Mato Grosso e está situada entre o rio Taquari ao norte e o Apa ao Sul”.

Este eminente historiador acredita que a fundação de Missões no Itatim obedeceu a um interesse estratégico porque por essa região era possível estabelecer comunicação entre o vale do Paraguai e o do Amazonas. Essas missões foram se estendendo para o sul até as margens do Jejuí, que corre no atual território do Paraguai.

“Desta sorte a designação de Itatim passou a abranger um território mais vasto, e os próprios missionários alimentaram o desejo ardente, como por este volume se verá, de estender a missão respectiva para lá do Paraguai, sobre o Chaco, e daí ao Amazonas” (23).

O núcleo de colonização espanhola nessa região foi Santiago de Jerez, fundada por Melgarejo, em 1580, segundo Afonso de E. Taunay (24). Já atingira um relativo grau de desenvolvimento em 1625, graças às condições favoráveis à pecuária nos chamados campos de vacaria. A conquista dessa povoação pelos bandeirantes paulistas deve ter ocorrido em fins de 1632 ou princípios de 1633. Um novo ataque de paulistas ao Itatim, em 1635, provocou o êxodo de grande parte dos indígenas para Caaguçú, a 40 léguas ao norte de Assunção; muito antes, porém, os sertanistas já tinham atingido essa região.

Em 1647 os paulistas se assenhorearam da redução de Taven e, no ano seguinte, atacaram a redução de Mboymboy. Segundo A. E. Taunay, essas forças eram a vanguarda da famosa bandeira de Antônio Raposo Tavares, agindo de acordo com a de André Fernandes (25). Diante do novo ataque, os indígenas das missões procuram refúgio no Paraguai. No período de 1650 a 1660 as lutas entre Pires e Cãmargos enfraqueceram o movimento bandeirante que só recrudescer em fins do século XVII. Nessa época o mais notável bandeirante, na região de Mato Grosso, foi Manuel de Campos Bicudo que, segundo Pedro Taques (26), participou de vinte e quatro campanhas

(22). — Jaime Cortesão, *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim*, 1952, pág. 3 e seguintes.

(23). — Jaime Cortesão, *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim*, 1952, pág. 3.

(24). — Afonso de E. Taunay, *História das Bandeiras Paulistas*, pref., 1951, tomo I, pág. 62.

(25). — *História das Bandeiras Paulistas*, pref., 1951, tomo I, pág. 91.

(26). — *Nobiliarquia Paulistana*, 1953, tomo II, pág. 177.

contra o gentio situado nas margens do Rio Grande e Paraguai. Na última, que parece ter ocorrido em 1673, acompanhava-o o filho, Antônio Pires de Campos, depois conhecido como Pay Pirá.

Talvez Manuel Dias da Silva tenha chegado até a cidade de Santa Fé, passando pelo sudoeste de Mato Grosso. Segundo Calógeras (27), essa bandeira deve datar de 1672 ou 1673. Bartolomeu Bueno da Silva, o primeiro Anhanguera, também parece ter estado no sertão de Mato Grosso e ter-se encontrado com a bandeira de Pay Pirá.

Em fins de 1675 ou princípios de 1676, Francisco Pedroso Xavier ataca aldeias indígenas no norte do Paraguai, situadas próximo à Vila Rica del Spiritu Santo.

Os bandeirantes atacam San Pedro de Terecañe, San Francisco de Ibirá, Paraiara, Candelária e finalmente entram em Vila Rica, e mandam uma coluna conquistar Ipané e Guarambaré, a 30 léguas de Assunção.

A expedição de socorro, organizada na capital e confiada a Juan Diez de Andino, já encontrou os paulistas se retirando com as grandes levas de índios que tinham apresado.

Em 1680 a corôa portuguesa dá um passo decisivo no sentido de se assenhorear da rêde fluvial do Prata, mandando fundar a colônia do Sacramento. Coube a D. Manuel Lobo, governador do Rio, a incumbência de lançar as bases dessa povoação fortificada, perto da foz do Prata. Enquanto os portugueses sucessivas vêzes perderam e recuperaram a famosa colônia, os bandeirantes continuavam na sua obra de ocupação das margens do Paraguai a sudoeste do futuro Estado de Mato Grosso. Esta região que já tinha sido percorrida por tantas bandeiras, como as de Antônio Castanho da Silva, Antônio Raposo Tavares, André Fernandes, Luís Pedroso de Barros, Manuel de Campos Bicudo, Antônio Pires de Campos, Jerônimo Bueno, Manuel Dias da Silva, Francisco Pedroso Xavier etc., foi, cada vez mais, procurada pelos paulistas, depois da vitória dos emboabas.

Uma das expedições mais importantes à região sudoeste de Mato Grosso, em fins do século XVII, foi a de Brás Mendes Pais, que se encontrou com uma coluna espanhola.

Em 1681 uma bandeira paulista entrava em terras do Alto Perú, próximas a Santa Cruz de la Sierra. Há notícias de que em 1682 Pascoal Moreira Cabral e André de Zuñega estavam

(27). — Pandiá Calógeras, *Minas do Brasil*, 1904, pág. 80.

nas redondezas do local da antiga Santiago de Jerez, e que tinham canoas no Botetey ou Mboteteú.

Supõe Afonso de E. Taunay (28) que êsse Pascoal Moreira Cabral seja o filho e futuro descobridor das minas de ouro.

A presença dos paulistas no Mboteteú era uma constante ameaça para o Paraguai.

Portanto, ao findar o século XVII, os portugueses tinham dominado pontos estratégicos importantes no atual Uruguai, no Rio Grande do Sul, no Paraná, a sudoeste de Mato Grosso, quase cercavam o Paraguai pelo lado oriental, estavam prestes a dominar a bacia do Prata e chegavam mesmo a constituir uma ameaça para as minas de Potosi, como assinalavam as autoridades coloniais da Bolívia, do Paraguai, da Argentina e os jesuítas.

Tal era a situação ao findar o século XVII.

(Continua no próximo número).

EULÁLIA MARIA LAHMEYER LOBO

Livre-docente de História Americana da Faculdade Nacional de Filosofia.

(28). — Afonso de E. Taunay, *História das Bandeiras Paulistas*, pref., 1951, tomo I, pág. 148.